



Experiência de uma produtora familiar de base agroecológica na feira do Mercadão 2000 em Santarém Pará

*Experience of a family agro-ecological based producer at the Mercado 2000 fair in
Santarém Pará*

LOBATO, Camila Carneiro¹; CASTRO, Maria Soraia Aguiar²

¹ Universidade Federal do Oeste do Pará, camila.lobatoc06@gmail.com; ² Universidade Federal do Oeste do Pará, sorayaaguiar.stm@hotmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: O objetivo deste trabalho foi relatar a vivência de trabalho de uma agricultora que reside na comunidade de Morada Nova e comercializa seus produtos em uma feira livre no município de Santarém-Pará. As informações relatadas neste texto foram adquiridas por meio de entrevista aberta realizada com uma das associadas da Associação de Produtores Rurais de Santarém, no local de comercialização de seus produtos, é de suma importância conhecer sobre os aspectos sociais do rural, mediante ao papel das mulheres na disseminação de práticas agroecológicas, desde a produção até a comercialização. Os relatos da agricultora foram enriquecedores para a construção de conhecimento, onde podemos ver que as mulheres, a partir da produção com base agroecológica, se projetam como agentes de geração de renda para toda uma família e ganham visibilidade.

Palavras-Chave: Agricultura familiar; protagonismo; mulher; sustentabilidade.

Keywords: Family farming; protagonism; woman; sustainability.

Abstract: The objective of this work was to report the work experience of a farmer who lives in the community of Morada Nova and sells her products in a free fair in the municipality of Santarém-Pará. The information reported in this text was acquired through an open interview with one of the associates of the Association of Rural Producers of Santarém, in the place of commercialization of its products, it is extremely important to know about the social aspects of the rural, through the role of women in the dissemination of agroecological practices, from production to commercialization. The farmer's reports were enriching for the construction of knowledge, where we can see that women, based on agroecological production, project themselves as agents of income generation for an entire family and gain visibility.

Contexto

As desigualdades nas relações de gênero na agricultura familiar estabelecem uma barreira ética e prática ao desenvolvimento rural, essas diferenças destacam-se principalmente na distribuição de renda originadas pelo trabalho familiar, na participação no processo de decisão, no acesso à informação e na presença em espaços de sociabilidade (PACHECO, 2009).

As mulheres no campo estão constantemente em luta por visibilidade de seu trabalho como produtoras, onde as atividades que executam são primordiais para a subsistência, porém levadas em consideração como uma continuação do trabalho



doméstico, embora tanto na casa como no rural elas desenvolvem atividades agrícolas ou não agrícolas para geração de renda (SAID; MOREIRA, 2011).

As mulheres assumem um lugar distinto em todo o processo da produção agroecológica na agricultura familiar, desde o cultivo até a comercialização (CARDOSO et al., 2018). Segundo Rodrigues (2012), nos países em desenvolvimento a força de trabalho da mulher na agricultura corresponde por 43%. Isso mostra que apesar da sua grande participação, ainda existe pouca visibilidade na elaboração das políticas públicas e para a sociedade como um todo.

Segundo Pacheco (2009) corrobora que em campo as análises aplicadas em relação ao gênero as mulheres muitas vezes recebem tratamento de subordinação e subvalorização. Dessa forma é de suma importância conhecer sobre os aspectos sociais do rural, mediante ao papel das mulheres na disseminação de práticas agroecológicas, desde a produção até a comercialização.

A posição e a condição social que as mulheres se reconhecem e são reconhecidas corrobora ao acúmulo de conhecimento partindo de um aspecto de valor e apreciação a vida, sobretudo em relação os pontos que cercam a agroecologia, visto que produzem alimentos mais saudáveis, ciente dos riscos de agrotóxicos, transgênicos e a perda de biodiversidade (MARONHAS et al., 2014).

A prática de experiência com agricultora ocorreu no dia 07 de maio de 2019 na feira livre do Mercado 2000, em Santarém no Pará, e teve como objetivo relatar a vivência de trabalho de uma agricultora que reside na comunidade de Morada Nova e comercializa seus produtos em uma feira livre no município de Santarém-Pará.

Descrição da Experiência

A vivência relatada foi realizada por iniciativa de duas engenheiras florestais, motivadas a conhecer mais sobre a participação das mulheres no desenvolvimento de práticas agroecológicas, bem como acompanhar o cotidiano de uma agricultora, que produz e revende seus produtos em uma feira livre denominada Mercado 2000.

As informações relatadas neste texto foram adquiridas por meio de entrevista aberta realizada com a agricultora Diana Alves Sousa Silva de 44 anos, moradora da comunidade Morada Nova localizada no município de Santarém com cerca de 30 km da cidade, onde a mesma revende sua produção. A entrevistada é associada da Associação de Produtores Rurais de Santarém (APRUSAN), que reúne vários produtores do município e comunidades rurais próximas.

A entrevista foi realizada no local onde a produtora comercializa seus produtos, com objetivo da vivência no local de trabalho (Figura 1). As perguntas direcionadas eram sobre a sua história de vida na agricultura, e as principais dificuldades que a trabalhadora enfrenta.



Figura 1. Entrevista com a agricultora na feira livre.

A experiência relatada nos mostra o protagonismo da mulher na agricultura familiar, no desenvolvimento de práticas agroecológicas no sistema de produção, e como geradora de renda familiar, bem como contribuindo com a economia local.

Resultados

O relato da agricultora foi enriquecedor para a construção de conhecimento, onde podemos ver que as mulheres, a partir da produção com base agroecológica, se projetam como agentes de geração de renda para toda uma família e ganham visibilidade. O trabalho que antes era visto como apenas ajuda, onde eram tidas como coadjuvante, hoje são reconhecidas como protagonista.

Dona Diana trabalha há 22 anos como agricultora, e afirma que sempre desenvolveu práticas agroecológicas, relata que tem consciência dos malefícios que o uso de agrotóxicos pode trazer ao meio ambiente e a família e seus consumidores, tendo em vista que seu marido já sofreu com alergias ao uso de produtos tóxicos na plantação, isso de fato mostra a conscientização pelas práticas agroecológicas.

Os principais alimentos que a Dona Diana produz e revende na feira são: banana, mamão, coco, abóbora e macaxeira, além de outros produtos quando estão em período de safra, como abacaxi e melancia (Figura 2). A revenda desses produtos é a única fonte de renda da família que é constituída por ela, marido e uma filha que ajudam no cultivo.

Além da produção própria, a entrevistada afirma que quando há necessidade ela adquire mercadorias de outros produtores da mesma comunidade para revenda no



seu ponto de comercialização na feira. Isso nos mostra a união dos moradores da comunidade, como também a falta de incentivo governamental para esta prática, pois os produtos são expostos de forma inadequada, comprometendo a manipulação e a qualidade desses produtos na comercialização.

Vale ressaltar que a entrevistada é uma das produtoras da associação que trabalha com base agroecológica, pois a maioria dos associados ainda trabalha de forma convencional, desse modo evidenciando os contrastes nesse âmbito.



Figura 2. Produtos comercializados pela Dona Diana na feira livre.

As maiores dificuldades enfrentadas, é a locomoção de sua residência até o local de comercialização, a qual é feito por transporte público que sai em horários específicos.

A agricultora relata que participa de todos os processos da produção, ou seja, desde a preparação da terra até a comercialização, pois tem a preocupação com a qualidade dos produtos que são revendidos.

A pesquisa evidenciou a importância das mulheres agricultora rurais na construção da autonomia, e que a agroecologia abre espaços para que as mulheres agricultoras conquistem seu espaço, e mais poder no âmbito pessoal, produtivo e familiar. Colaborando com questionamentos no que diz respeito a chefia das famílias, do acesso à terra e à renda, o que antes era atribuído somente a figura masculina. Sendo que as mulheres participam da produção, porém tinham pouco acesso aos rendimentos da comercialização.

O ativismo das mulheres efetivamente dentro do âmbito da justiça ambiental juntamente com a ecologia que insere o pobre nesse movimento tem se intensificado, sendo decisivo muitas vezes, pois assume um compromisso com o uso da natureza e responsabilidade social com o bem-estar ambiental, sendo



assegurado com mais consciência e respeito pela harmonia e solidariedade comunitária, onde em muitos movimentos protagonizaram liderança e responderam pelo custo dessa atuação (MARTINEZ ALIER, 2004).

O trabalho feminino nos mostrou que tem um papel determinante para a sustentabilidade da agricultura familiar camponesa. E vem criando condições favoráveis para igualdade de gênero, sem divisão sexual do trabalho.

Segundo Cardoso & Rodrigues (2009) afirmam que existem experiências onde a produção agroecológica e a crescente participação na conjuntura política têm agregado ao empoderamento das mulheres, visto que começaram a transcender o ambiente doméstico com mais autoestima e autonomia, onde esta última é uma das principais causas conquistadas, pois emitem mais confiança para sair do isolamento para se destacar em espaços ocupados antes somente por homens.

A participação dos profissionais de engenharia florestal nas experiências agroecológicas estimula as trocas de saberes, e permite o reconhecimento do espaço de atuação das mulheres no campo da agroecologia. O relato de experiência de vida da agricultora colabora para adoção das práticas de manejo adequadas, bem como o incentivo dessa prática.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a agricultora e feirante Diana Alves Sousa Silva pela disponibilidade em nos atender e relatar sua vida. A experiência foi única e teve importante contribuição.

Referências bibliográficas

CARDOSO, M. C.; MACIEL, L. P., & CHIBA-ALVES, H. D. S. (2018). Agricultura Orgânica: vivências de uma agricultora da comunidade Santa Cruz no município de Santarém, Pará, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, 13(1).

CARDOSO, E. M.; RODRIGUES, V. S. Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil. **Revista Agriculturas**, v.6, n.4. Dezembro de 2009.

MARTÍNEZ ALIER, J. **El ecologismo de los pobres**. Conflictos ambientales y lenguajes de valoración. Barcelona: Icaria/Antrazyt/FLACSO, 2004.

MARONHAS, M.; SCHOTTZ, V.; CARDOSO, E. **Agroecologia, trabalho e mulheres**: um olhar a partir da economia feminista. In: 18^o REDOR, UFRP, Recife-PE, 2014.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



PACHECO, M. E. L. (Ed.). Mulheres construindo a agroecologia. **Revista Agriculturas**, 6, 4, 2009. Disponível em: http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Agriculturas_v6n4.pdf Acesso em: 12 jun. 2019.

RODRIGUES, P. **Os desafios e a superação da mulher na agricultura**. Hortaliças em revista. EMBRAPA Ano 1, n. 1, p. 6-8. 2012.

SAID, M. A.; MOREIRA, S. L. S. **Mulheres e agroecologia**: Multiplicadoras agroecológicas transformando o semiárido, 2011.